



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de recebimento do prêmio “O Brasileiro do Ano 2009”, oferecido pela Revista IstoÉ e Editora Três

São Paulo-SP, 07 de dezembro de 2009

No fundo, no fundo, vocês estão com sorte hoje, porque se eu cismasse de fazer um improviso aqui e começasse a falar “e para terminar”, “e para terminar”, e nunca terminasse... mas eu estou com pressa porque eu tenho que ir para Montevidéu ainda hoje.

Eu queria, primeiro... meu querido Domingo Alzugaray, não esqueço nunca do respeito e do carinho que você teve comigo em momentos difíceis, sobretudo quando eu perdia as eleições. De vez em quando, Domingo Alzugaray me convidava para uma reunião com os jornalistas da IstoÉ, e todos vocês sabem que a gente se lembra muito mais das pessoas que foram boas com a gente nos momentos difíceis do que das pessoas que são amigas da gente nos bons momentos. Afinal de contas, em bailes que tem muitas mulheres bonitas não precisamos de companheiros, ficamos sozinhos.

Bem, a segunda coisa, dizer para vocês, para terminar aqui, que eu poderia dedicar este prêmio ao Guido Mantega, ao Meirelles, ao Miguel Jorge, ao Franklin, a todo o governo, à minha mulher, aos meus filhos, essa coisa que todo mundo faz. Mas eu penso que é importante a gente dedicar este prêmio àqueles brasileiros que vivem no anonimato e que aos poucos estão conquistando a sua cidadania; aos trabalhadores brasileiros que, muitas vezes, só veem a gente pela televisão; aos empresários que não se acovardaram e resolveram enfrentar a crise de peito aberto e vencê-la; aos intelectuais que tiveram coragem de fazer o debate econômico pela imprensa brasileira; à imprensa brasileira, que contribui de forma extraordinária para a consolidação do debate democrático, mas que muitas vezes não contribui, quando permite



que a mentira prevaleça sobre a verdade.

Eu queria dizer para vocês que eu tive um momento difícil nessa crise econômica. Eu lembro de quantas vezes eu fui tripudiado porque dizia que nós tínhamos uma marolinha. Porque no Brasil você tem uma turma do “eu acho”, o achismo, aqueles que não perdem a oportunidade de tentar criar as condições para que a desgraça prevaleça neste país.

Eu aprendi muito cedo, muito cedo, na lei da sobrevivência, que ninguém respeita quem não se respeita. Respeito é bom, a gente gosta de dar e a gente gosta de receber. Eu cansei de ver brasileiro aceitar ser tratado como se fosse de segunda classe. Tudo o que era lá de fora era melhor do que aquilo que a gente fazia aqui dentro.

Eu lembro da primeira vez que eu disse, em Angola, que os empresários brasileiros não tinham que ter medo de ser empresas multinacionais. Houve manchete dizendo que eu estava repreendendo os empresários quando, na verdade, eu estava fazendo a boa provocação aos empresários. E é com muito orgulho que hoje eu sou quase um porta-voz, um garoto-propaganda das empresas brasileiras que querem comprar e vender no mundo.

Eu lembro que quando o Bush veio ao Brasil, nós fomos a Guarulhos visitar um posto de gasolina que estava vendendo etanol, e tinha dois carros, um da Ford e um da GM. E o Bush falou: “Eu não posso posar na frente do carro porque eu não posso fazer *merchandising*”. Eu falei: pois eu posso. Fui lá e posei na frente da Ford e na frente da GM porque eu queria que elas produzissem mais aqui.

Essa bobagem de político achar que é um ser superior: “eu não posso contar piada porque eu sou político, eu não posso rir porque eu sou político, eu não posso beber porque eu sou político, eu não posso falar palavrão porque eu sou político”, como se essas coisas fossem só de artista. Ora, meu Deus do céu, nós podemos fazer todas as coisas com a naturalidade que um ser humano tem que fazer.



Mas o momento difícil foi o momento da crise econômica quando eu, lendo todos os jornais pela manhã... Porque no Brasil tem uma coisa engraçada: tem dias que você acorda, você lê os jornais, a vontade é se matar, porque o mundo está acabando. Se você, então, ficar só nas manchetes, nem saia de casa. Porque tem um certo azedume, ou seja, aquela coisa tão azeda, que faz mal para o País. É o não acreditar: “as coisas vão ser ruins, as coisas não vão dar certo”. Eu me levantei um dia... Eu já tinha brigado, viu, Paulo Skaf, com um cara da Associação Comercial que fez uma pesquisa e disse que o povo estava com medo de comprar, e ele publica a pesquisa. E eu pensei: esse ignorante, em vez de publicar a pesquisa de que o povo não quer comprar, deveria, com a pesquisa de que o povo não quer comprar, tirar aquela informação e fazer publicidade para o povo comprar, que era para inverter a lógica de o povo não querer comprar.

Eu me levantei de manhã e estava lá: “porque a crise vai fazer isso, porque o povo não quer comprar, porque o povo está com medo de comprar”. Eu chamei o Franklin e falei: Franklin, nós vamos precisar ir para a televisão. Eu jamais, na minha vida, pensei em ir para a televisão fazer apologia do consumo. Eu era daquela juventude que era contra a sociedade consumista. Eu era contra. Então, eu falei: bom, eu vou ter que fazer propaganda do consumo, porque as manchetes eram que o trabalhador não queria comprar porque ele estava com medo de perder o emprego e, portanto, ele não ia fazer dívidas. Eu falei: não, eu vou ter que ir.

Conversei com alguns empresários amigos meus, liguei para alguns. Eu me lembro que eu conversei com o Abilio Diniz, que era importante a gente começar a escrever artigos pedindo para o povo consumir, e fui para a televisão. E fui para a televisão dizer uma frase simples: É verdade que tem uma crise econômica e é verdade que se você fizer dívida e você ficar devendo, você pode perder o emprego. Agora, é verdade também que se você não comprar, você vai perder o emprego muito mais forte do que se você



comprar. Então, compre de forma moderada. Vá à loja, compre aquilo que você precisar comprar, mas compre, porque a economia é uma roda-gigante e, se ela parar, aí, sim, este país vai estar em crise.

Graças a Deus, graças a Deus, graças ao povo brasileiro, graças, quem sabe, a todos vocês, graças aos otimistas do País, este país entrou por último na crise e saiu mais forte. E eu vou dizer para vocês: não tem mais volta, não tem mais volta. Quem estiver apostando que neste país vai acontecer o que acontecia nos anos passados – parecia que ia e voltava, parecia... – acabou. Este país se encontrou consigo mesmo.

Eu acho que este prêmio que eu estou recebendo não é uma síntese daquilo que eu sou capaz de fazer, mas é uma síntese daquilo que o povo brasileiro fez nos momentos difíceis para chegar aos dias bons que estamos vivendo hoje.

Parabéns a todos vocês, ganhadores deste prêmio, e parabéns à Editora Três e à IstoÉ.

(\$211A)